

VIVER É MUITO PERIGOSO: O MITO DA GRANDE TRAVESSIA DA VIDA EM **GRANDE SERTÃO: VEREDAS** A PARTIR DA PERSPECTIVA BÍBLICA DE NORTHROP FRYE

Robson Caetano dos Santos

Pontifícia Universidade Católica
de Minas Gerais (PUC Minas).
Doutorando Literaturas de Língua
Portuguesa. Bolsista da CAPES.



Resumo

Este trabalho apresenta os primeiros resultados da pesquisa de doutorado em andamento na PUC Minas que busca investigar parte dos arquétipos, mitos e metáforas da Bíblia que podem ser encontrados em **Grande sertão: veredas**. Segundo Northrop Frye (2004), a Bíblia, com sua imensa quantidade de mitos, arquétipos e metáforas, se constituiu um “universo mitológico” que serviu de inspiração para toda a literatura ocidental, no qual consciente ou inconscientemente escritores têm buscado e reproduzido em suas composições literárias. Para Jung (2000), os arquétipos se definem como expressões do inconsciente coletivo da humanidade que repetem e representam experiências de tempo imemoriais. Essas formas podem ser encontradas nos mitos da cultura coletiva e são buscados e reatualizados, segundo Mircea Eliade (1972) e também Nietzsche (2012), em seu conceito do “Eterno retorno”. Considerando essas características fundamentais propomos a releitura de dois episódios emblemáticos de **Grande sertão: veredas**: a travessia do rio com o menino na canoa, e a travessia do Liso do Sussuarão, buscando referências no arquétipo bíblico da travessia do povo hebreu pelo deserto para se alcançar a terra prometida, o qual metonimicamente poderia representar a travessia de toda a humanidade pelo deserto da provação para se alcançar o paraíso e seu criador. Esperou-se assim, enriquecer e lançar novas veredas interpretativas e reflexões, sobre o sertão que habita dentro de cada um de nós e a grande travessia da vida, tal como apresenta Guimarães Rosa.

Palavras-chave: **Grande sertão: veredas**. Mito. Travessia. Bíblia. Northrop Frye.

1. Introdução

Travessia. Com essa última e singular palavra Guimarães Rosa encerra sua obra monumental **Grande sertão: veredas** concluindo também a dúvida que perseguia o narrador protagonista, o jagunço Riobaldo, sobre ter feito ou não um pacto com o Diabo. Sua conclusão é de que ele não existe. O que há é homem humano. Travessia. (ROSA, 2006, p. 608).

Na verdade a travessia é algo que perpassa todo o romance, a começar pelo título que sugere, a partir dos dois pontos, que o sertão oferecerá diversas veredas em sua longa travessia. Travessia de provas, de coragem. Travessia em busca do conhecimento do bem e do mal. De Deus ou do Diabo. Travessia do homem em direção ao conhecimento de si mesmo.

Mas como e de que forma ela se apresenta neste texto de Guimarães Rosa?

Sobre isso desde sua publicação em, 1956, a obra **Grande sertão: veredas** tem sido estudada por diversas vertentes e abordagens críticas demonstrando que tudo é possível de ser encontrado no texto rosiano: esoterismo, filosofia, psicanálise, religião. Todas essas vertentes até o momento têm levantado as questões existenciais do protagonista Riobaldo em sua travessia pelo sertão, seja físico ou interior. Entretanto ainda carece de análises da perspectiva do texto bíblico, não de uma perspectiva religiosa ou meramente intertextual, pois seria por demais simplista, mas como uma teoria que fornecesse subsídios para analisar a sua composição narrativa ou organizacional. Sobre isso já se pronunciou o crítico canadense Northrop Frye (2004) ao considerar a Bíblia fonte e inspiração maior de toda a literatura ocidental. Todavia necessitam-se estudos no âmbito da teoria literária brasileira que considerem a Bíblia não tanto do ponto de vista religioso, mas literário. A presente pesquisa almeja suprir essa lacuna e incentivar estudos posteriores da mesma natureza.

2. Arquétipo, mito e metáfora

Em minha dissertação de mestrado, intitulada **Estratégias do contar: um estudo das micronarrativas em Os sertões, de Euclides da Cunha, e Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa**, propus a leitura de que em ambas as obras é possível de se perceber narrativas menores como que “encapsuladas” no

eixo da narrativa central, aparentemente independentes, mas que possuem uma ligação com o tema principal e até ajudam a esclarecê-lo. Assim são as pequenas estórias, que poderiam passar despercebidas a um leitor desatento, como se vê logo no início do romance **Grande sertão: veredas**, sobre o caso de Aleixo, que matou um velho sem motivo algum, o caso do filho de Pedro Pindó, que judiava dos bichos e das pessoas por pura maldade e, mais à frente, o caso de Maria Mutema, uma mulher que matara o marido despejando chumbo derretido em seu ouvido enquanto ele dormia. Percebe-se em todas essas micronarrativas o questionamento de Riobaldo sobre a razão de existir do mal e do próprio Diabo, talvez querendo livrar-se da culpa de ter feito um pacto diabólico.

Curiosamente essa técnica narrativa de inserir narrativas menores dentro da narrativa principal e as quais, consciente ou inconscientemente da parte de seus autores, reproduzem em menor escala o tema central da obra, já foi utilizado por outros sendo algo que remonta às manifestações literárias mais antigas da humanidade. Assim aponte, ao cotejar com a **Ilíada**, de Homero, o exemplo da grande quantidade de lendas e mitos que reproduzem o tema central desta obra (a qual muitos se enganam, não é a guerra de Tróia, pois essa é narrada somente a partir de seu último ano, mas a cólera de Aquiles, ou seu desejo de vingança pela morte de seu amigo e companheiro de armas Pátroclo). Da mesma forma, outros mitos apresentados por Homero, como a vingança de Teseu e Piritoo contra os centauros (por esses terem violado e tentado raptar a noiva de Piritoo em sua festa de bodas); a vingança de Polinices contra seu irmão Eteócles, (por este ter lhe usurpado o trono de Tebas), todos, dentre muitos outros, ilustram, reforçam e possuem uma ligação bem estreita com a temática da vingança de Aquiles.¹

1 Em minha dissertação apresento outros exemplos das micronarrativas incrustadas na narrativa central, presente em outras obras da literatura universal com **As Mil e Uma Noites**, em **Hamlet**, de Shakespeare quando Hamlet encena a peça que deve incriminar Cláudio, retratando a própria trama da tragédia, e também em **Primo Basílio**, quando também há uma encenação teatral sobre adultério, tema da obra.

Atualmente, em minha tese de doutoramento, almejo ampliar a análise dessa técnica narrativa no exemplo de outro texto fundador e basilar da literatura ocidental, assim como a **Ilíada**: a Bíblia. Nela, amparado por Frye (2004), postulo que temas, mitos, arquétipos e metáforas e outras técnicas narrativas que inspiraram (repita-se novamente: de forma consciente ou não) escritores em obras posteriores podem ser percebidas em **Grande sertão: veredas**, reforçando seu caráter de universalidade.

Neste ensejo o crítico canadense Northrop Frye em sua obra **O código dos códigos: a bíblia e a literatura**(2004) busca

demonstrar como alguns elementos da Bíblia “montaram uma estrutura imaginativa – um universo mitológico – dentro do qual a literatura do Ocidente operou até o século XVIII, e dentro do qual ela ainda opera em grande parte.” (FRYE, 2004, p. 09). Para isso Frye considerada as estruturas verbais bíblicas semelhantes à natureza do mito, definido pela crítica literária como narrativa ou enredo, que ao longo da história cultural dos povos vai se incorporando à literatura, sendo o mito usado como matéria-prima de suas composições literárias. Nas escrituras, os variados mitos como o da criação, do dilúvio, da busca pela terra prometida e do aguardo na vinda do Messias, foram emprestados por diferentes povos e reatualizados e adequados à suas culturas. Frye ressalta como a Bíblia, durante milênios, tem estado presente no imaginário dos homens, com sua profusão de mitos, arquétipos, metáforas e símbolos, demonstrando ser o centro do universo mítico do ocidente, encontrando reverberações em toda a literatura ocidental: “A Bíblia certamente é um elemento da maior grandeza em nossa tradição imaginativa, seja lá o que pensemos acreditar a seu respeito.” (FRYE, 2004, p. 18). Nessa perspectiva a Bíblia (considerada como um todo e não em livros separados) é vista como uma grande fonte narrativa arquetípica, gênese de todas as histórias, um mito gigantesco que se estende a todos os tempos. Sintetizando, Frye apresenta a narrativa bíblica representada pelo formato de um “U” simbolizando a queda e redenção do personagem central, que é a própria humanidade. O início desta trajetória, obviamente se inicia no paraíso, seguido da queda e uma série de desgraças, padecimentos e provações. No meio dessa grande travessia há a remissão ou o resgate com Jesus Cristo, ocorrendo, em seguida, a ascensão que será consumada com sua volta, apresentada no Apocalipse, devolvendo ao homem seu estágio inicial. Como demonstra Frye esse formato de “U” narrativo é reproduzido em praticamente todos os personagens bíblicos: Abraão, ao deixar sua parentela e ir em busca da terra prometida; Jacó, ao trabalhar nas terras de seu sogro Labão até sua prosperidade; José, ao ser vendido como escravo por seus irmãos até alcançar o mais alto posto no Egito e, (talvez o maior exemplo de queda e redenção) a história de Jó, ao cair na mais profunda desgraça e sofrimento humano já suportado até ter seus bens restaurados em dobro por Deus. Além de personagens individuais a própria história do povo de Israel reproduz o formato narrativo de “U” como no longo cativeiro da Babilônia até a restauração do templo e nas sucessivas vezes que os israelitas se afastaram de Deus, perdendo sua força e proteção e sendo entregues a seus inimigos.

A trajetória do homem na Bíblia, portanto, só poderia significar sua tentativa de voltar-se a Deus, como metonimicamente apresenta a parábola do filho pródigo, dentre outras narrativas que foram reproduzidas ao longo de milênios:

A queda e expulsão de Adão do Paraíso não foi, portanto, em nenhum sentido uma divisão metafísica da própria substância divina, mas um evento apenas na história, ou pré-história, do homem. E esse evento no mundo criado aparece ao longo da Bíblia no registro dos sucessos e fracassos do homem na tentativa de religar-se a Deus sucessos e fracassos, mais uma vez, concebidos historicamente. (CAMPBELL, 2004, p.18, grifo meu).

Uma maneira que assegura ao homem a lembrança do que ele fez no princípio dos tempos e principalmente o que ele deve fazer e “reviver” esses acontecimentos através dos mitos e representados em arquétipos. Mircea Eliade (1972) aponta que uma das estratégias para regredir ao tempo primordial da Criação, além de construir templos ou desenvolver rituais, é a estratégia de imitar um arquétipo, uma ideia ou modelo exemplar celestial. Em tudo pode se reproduzir as ações de seus heróis no passado ou o desejo de retornar ao seu criador pois Mircea Eliade ressalta que a “rememoração e reatualização do mito ajudam o Homem a distinguir e a reter o real” (ELIADE, 1972, p.124). Segundo esse mitólogo, por essa repetição cria-se uma sensação de ordem fixa e duradoura na dinâmica do Universo. Nesse contexto, o tempo sagrado nivela-se com o presente profano e torna o Homem contemporâneo dos atos sobrenaturais dos grandes heróis do passado. Ao extrair dos mitos esses exemplos, ou modelos exemplares do passado, o ser humano consegue ampliar sua coragem de enfrentar as adversidades da vida, construir e reconstruir a sua cultura, orientar suas atividades cotidianas e superar o medo de colonizar certas áreas do planeta. (ELIADE, 1972, p.128).

Assim é errôneo considerar o mito uma simples fábula, pois ele é uma realidade viva e presente, e sendo que sempre retorna assumindo outros aspectos, outras versões, outras roupagens. Ou seja retorna codificado, relatando não apenas acontecimentos primordiais, mas explicações sobre como o indivíduo chegou a ser o que é e servindo como um sinalizador para se alcançar um certa realidade transcendental. Coerente com essa reflexão afirma Frye:

Os mitos nos transportam de volta a um momento em que a distinção entre sujeito e objeto era muito menos contínua e rígida do que é agora, e os deuses são os personagens centrais do mito porque eles são geralmente personalidades identificadas com aspectos da natureza. Eles são, portanto, construídos com metáforas. Existe um número infinito de mitos individuais, mas apenas um número finito - na verdade bem pequeno - de espécies de mitos. Estes últimos expressam a perplexidade humana de por que estamos aqui e para onde estamos indo e incluem os mitos da criação, da queda, do êxodo e da migração, da destruição da raça humana no passado (mitos de dilúvio) ou futuro (mitos apocalípticos), de redenção em alguma fase da vida durante ou após esta, no entanto “depois” é interpretado. Tais mitos delineiam, de forma tão ampla quanto é possível as palavras poderem fazer, a visão da humanidade de sua natureza e destino, o seu lugar no universo, seu sentido tanto de inclusão e exclusão de uma ordem infinitamente maior. Assim, enquanto nada ontológico é afirmado pela literatura, da mesma forma o modo imaginativo ou poético de ordenar palavras tem que ser a base de qualquer senso de realidade da personalidade não-humana sobre os anjos, demônios, deuses ou Deus. (FRYE, 2008, p.36-37, tradução minha).

Sobre os arquétipos Jung (2000) também aponta que eles são encontrados nos mitos, religiões, lendas, marcando o consciente e o inconsciente humano. Eles representam a atração do ser humano para a esfera de vida, para a preparação do homem para seu encontro com Deus apresentando não uma memória individual mas uma espécie de “memória coletiva”:

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos *inconsciente pessoal*. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos *inconsciente coletivo*. Eu optei pelo termo “coletivo” pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são ‘*cum grano salis*’ os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo portanto um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo. (JUNG, 2000, p.15).

A Bíblia pode ser considerada a maior fonte de arquétipos que já existiu pois em nenhuma outra manifestação literária contém histórias que ajudam a humanidade a conhecer sua origem e se compreender melhor. Por sua vez o arquétipo, por fazer parte do inconsciente coletivo e ser uma imagem muito recorrente na literatura, ajuda a ligar os símbolos e imagens apresentadas no texto literário com nossa própria experiência individual.

Sobre as metáforas bíblicas Frye as classifica em duas famílias: a apocalíptica e a demoníaca. As primeiras evocam o estado antes da queda do homem, ou seja, edêmico ou do paraíso. Já as demoníacas apresentam o padecimento ou sofrimento dos homens longe de seu criador e do jardim do Édem. É como se fosse uma saudade da “terra prometida” reproduzidas de uma maneira ilusória e enganosa através de visões do paraíso. Elas também ajudam a representar a condição do homem em sua trajetória neste mundo em busca do retorno de sua terra prometida, seu criador e o conhecimento de si mesmo. Será buscado comprovar que esses elementos podem ser perceptíveis na leitura de **Grande sertão: veredas**, como veremos a seguir.

3. A travessia do rio e a do Liso do Sussuarão em **Grande sertão: veredas**

O primeiro acontecimento importante na vida de Riobaldo, se considerarmos a narrativa de **Grande sertão: veredas** como linear, é o encontro com o estranho menino de olhos verdes no porto do rio chamado de-Janeiro, afluente do rio São Francisco. Riobaldo estava se recuperando de uma enfermidade e pedia esmolas para pagar a promessa que sua mãe fizera em favor de sua saúde. Comparando suas roupas com a do menino, que estava bem vestido, Riobaldo sente vergonha. Mas sente-se afeiçoado pelo menino, ou como dirá mais a frente “Eu queria que ele gostasse de mim.” O menino o convida para atravessar o rio em uma canoa, o que Riobaldo aceita sem hesitar, mas ao perceber a canoa bamba ao entrarem na confluência do-Chico e ver aquela terrível “água de largura” e suas agitações, teve medo:

Tive medo. Sabe? Tudo foi isso: tive medo! Enxerguei os confins do rio, do outro lado. Longe, longe, com que prazo se ir até lá? Medo e vergonha. A aguagem bruta, traiçoeira – o rio é cheio de baques, modes moles, de esfrio, e uns sussurros de desamparo. [...] Quietos, compostos, confrontados, o menino me via. – “Carece de ter coragem...” – ele me disse. Visse que vinham minhas

lágrimas? Doí de responder: - “Eu não sei nada...” O menino sorriu bonito. Afiançou: - “Eu também não sei.” Sereno. Sereno. Eu vi o rio. Via os olhos dele. Produziam uma luz. (ROSA, 2006, p. 106).

Riobaldo, segundo Galvão (2008, p.253) retém desse encontro lição de bravura de não temer nem as forças da natureza e nem do homem. E mais ainda: o encontro dessa travessia é emblemático e considerado inaugural de seu destino, da sua trajetória de toda sua vida, como se confirmará em seus dizeres ao reencontrar seu companheiro, já adulto, muitos anos depois, lembrando o episódio da travessia do rio: “Era o menino! O Menino, senhor sim, aquele do porto do de-janeiro, o que atravessou o rio comigo, numa bamba canoa, toda a vida.” (ROSA, 2006, p.138, grifo meu).

Por sua vez, em seus tempos de jagunço e como chefe do bando os dois episódios de travessia do Liso do Sussuarão também são significativamente importantes e emblemáticos como chaves interpretativas da obra. O objetivo da travessia era a vingança contra Hérmoqenes, assassino de Joca Ramiro e depois revelado pai de Diadorim. Esperava-se com a travessia alcançar as terras da Bahia e atacar por detrás a fazenda de Hérmoqenes e neste primeiro momento, relatado logo no início do romance, o bando liderado por Medeiro Vaz fracassa em sua intenção de atravessar o Liso do Sussuarão que se apresenta como um deserto infernal, ocorrendo perda de homens, cavalos homens e mantimentos. Centenas de páginas adiante, já assumindo a liderança do bando com o nome de Urutú-Branco e após ter feito o suposto pacto com o Diabo, Riobaldo consegue a façanha e, incrivelmente, sem cargueiros com mantimentos e nem tropa de jegues para carregar água, dentre outros apetrechos. A estratégia do autor em colocar esses episódios distantes um, no início e outro no fim do romance, conduzem o leitor a refletir, após ultrapassar o lapso temporal da narrativa, o que fez com que a primeira travessia não tivesse tido êxito e sim a segunda. Teria sido o resultado do pacto como aparentemente se alude? Se foi, como aponta Galvão (2008, p. 267), o preço foi demasiado alto: Diadorim morre em combate corpo a corpo com Hermóqenes, revelando, após o desvelamento de seu cadáver que era uma mulher, tornando, enfim, o grande amor que Riobaldo sentia possível de ser aceito, mas não mais possível de ser consumado. Todos os seus esforços para agradar o amigo foram nulos pois o Diabo “usou Diadorim como instrumento e sua morte como resultado.” (GALVÃO, 2008, p.268). Sendo assim, qual o resultado de toda a travessia de sua vida?

2 Aqui lembramos que o povo de Israel ficou quarenta anos no deserto e todos pereceram, não alcançado a terra prometida por terem murmurado contra Deus. Somente seus filhos e Kalebe e Josué alcançaram a terra prometida. Entretanto Jesus passou “apenas” quarenta dias e passou na prova do deserto.

Na Bíblia, há diversas referências à chamada “prova da Travessia”: o povo de Israel passou pela travessia do deserto quarenta anos antes de alcançar a terra prometida. Dentre os vários que reproduzem a trajetória ou travessia no formato em “U” de queda e redenção de Northrop Frye podemos mencionar Elias, que passou pela prova do deserto, e foi alimentado pelos corvos, antes de enfrentar os profetas de Baal e Jesus passou pela provação de jejuar quarenta dias e quarenta noites e de ser tentado pelo Diabo no deserto². De uma forma cíclica e arquetípica o ritual da travessia, pelos “desertos” da vida, tem sido reproduzido ao longo dos tempos em textos literários diversos, como algo que nos inspira a avançar em direção a uma busca pela verdade suprema, ou ao encontro com o criador, ao qual recorreremos e somos auxiliados por forças superiores. Em **Grande sertão: veredas**, em uma leitura possível e que pode levar o leitor a identificar-se com ela

A palavra travessia – travessia do rio São Francisco, travessia do Liso do Sussuarão, travessia do sertão – empregada amiúde na narrativa, encapsula metaforicamente o sentido existencial do processo de mudança, que os percalços de uma vida implicam. (GALVÃO, 2008, p.269).

Quando Nietzsche, em seu conceito do Eterno Retorno presente em **A Gaia ciência**, apresenta o demônio que fala sobre o peso inexorável das repetições, na realidade pode-se perceber que o que se sugere é o fato dessas repetições não serem exatamente iguais. O mito sempre ressurgue ao longo da história, mas sempre assumindo diferentes feições e não se pode negar que o inconsciente é algo que sempre está presente no texto literário. Todo autor de alguma forma revela um lado dessa insatisfação presente em todos nós para se tentar alcançar essa espécie de “nirvana” ou “paraíso” que, aparentemente, nunca se alcança, pelo menos nessa esfera mortal. Dessa forma pode se afirmar que o mito é uma forma de aliviar a questão existencial. Um paliativo para essa dor, mas jamais sanada totalmente. Assim Riobaldo nunca alcança a consumação de seu amor por Diadorim, o qual considera sua “neblina” o qual lhe sorriu ao longe e, como ele disse ao seu mudo interlocutor que ouve sua narrativa: “Digo ao senhor: até hoje para mim está sorrindo.” (ROSA, 2006, p.138).

Assim, seria possível considerar a narrativa de **Grande sertão: veredas**, com o tom de lamento de Riobaldo por não se alcançar a terra prometida ou seu “paraíso de amor” por Diadorim,

apesar de toda sua longa travessia? Seria a obra mais uma reprodução dessa travessia do homem em desertos e terras áridas que ocorrem desde sua queda ou expulsão do Paraíso, inconscientemente ansiando o retorno ao seu criador, seu antigo lar ou sua felicidade perdida? Ou mais ainda: seria toda a literatura um grande “Canto de lamento” da humanidade e uma tentativa de reprodução na esfera artística dessa travessia ou jornada de retorno?

4. Considerações finais

Esta pesquisa ainda está em seu estágio inicial, mas já se pode afirmar que o arquétipo ou mito da travessia é um dos mais recorrentes de **Grande sertão: veredas**. Todavia espera-se que outras recorrências, guiados principalmente pelas reflexões de Northrop Frye, possam ainda ser encontradas nessa perspectiva bíblica. Entretanto deve-se ressaltar que o texto de Guimarães Rosa, como qualquer outro texto literário, não é para ser decifrado, mas interpretado. A busca pela constatação da recorrência dos mitos, arquétipos e metáforas bíblicas na escrita de **Grande sertão: veredas** visam apenas demonstrar e reforçar o caráter universal desta obra, a qual tem sido possível de ser exemplificada pelos inúmeros vieses ou vertentes filosóficas e teorias literárias, como já foi dito, e que demonstram a multiplicidade de leituras que esta obra ainda pode comportar. Esta foi apenas mais uma. Todavia sobre a aplicabilidade do crítico Northrop Frye sobre a estreita relação da Bíblia com a literatura ocidental, em seus mitos, arquétipos e as metáforas, já se foi comprovado por outros estudiosos que esses elementos são princípios fundamentais para o estudo do texto literário, necessitando apenas mais aprofundamentos nesse sentido.

Assim, como últimas considerações, é importante frisar que a proposta de leitura apresentada até o momento deve ser vista como uma “lente de aumento” para se ler o texto de Rosa. Podemos falar sobre as questões existenciais sobre a travessia da vida, mas antes é preciso ver e mostrar como isso ocorre no texto. Assim nada pode substituir a própria leitura ou contato pessoal do leitor com o texto literário. É ele quem deve refletir e descobrir quais são “os desertos da vida” que atravessou e ainda pode atravessar através da leitura de **Grande sertão: veredas**.

LIVING IS VERY DANGEROUS:
THE MYTH OF THE GREAT JOURNEY
OF LIFE IN **GRANDE SERTÃO:**
VEREDAS FROM NORTHROP FRYE'S
BIBLICAL PERSPECTIVE

ABSTRACT

This work presents the first results of the doctoral research in progress at PUC Minas that investigates part of the Bible's archetypes, myths and metaphors, which can be found in the book **Grande sertão: veredas**. According to Northrop Frye (2004), the Bible, with its huge amount of myths, archetypes and metaphors constituted a "mythological universe" that served as inspiration for all Western literature, which consciously or unconsciously writers have sought and reproduced in their literary compositions. For Jung (2000), the archetypes are defined as expressions of humanity's collective unconscious that repeat and represent ancient time experiences. These forms can be found in the myths of the collective culture and are searched and re-enacted, according to Mircea Eliade (1972) and also Nietzsche (2012), in his concept of the "eternal return". Considering these fundamental characteristics, we propose a rereading of two emblematic episodes in **Grande sertão: veredas**: "the crossing of the river with the boy in the boat", and "the crossing of Liso do Sussuarão", seeking references in the biblical archetype of the crossing of the Hebrew people through the desert to reach the promised land, which metonymically could represent the crossing of all mankind through the desert to reach paradise and God. In this sense, we expected to enrich and launch new interpretive paths and reflections about the desert that is found within each of us and the great journey of life, as Guimarães Rosa shows in his book.

Keywords: **Grande sertão: veredas**. Myth. Crossing. Bible. Northrop Frye.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. *As máscaras de Deus*. São Paulo: Palas Atena, 2004.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FRYE, Northrop. *Código dos códigos: a bíblia e a literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.

FRYE, Northrop. *Words with power: being a second study of "the Bible and Literature"*. Toronto: University of Toronto Press, 2008.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Mínima mímica: ensaios sobre Guimarães Rosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Atena, 1958.

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

NIETZCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SANTOS, Robson Caetano dos. *Estratégias do contar: um estudo das micronarrativas em Os sertões, de Euclides da Cunha, e Grande sertão: veredas, de J. Guimarães Rosa*. 2012. Dissertação. (mestrado em Letras). Belo Horizonte: PUC Minas.

Recebido em: 25/06/2015

Aceito em: 25/04/2016